

A noção moderna de sexualidade

Seria a sexualidade algo inato e que deve obedecer a um caminho “correto”, “natural” e “verdadeiro”? Ou se trata de algo construído ao longo da vida por diferentes pressões internas e externas? Leia o texto abaixo para descobrir.

Sexualidade é o termo abstrato utilizado para se referir às capacidades associadas ao sexo. Mas o que exatamente “sexo” significa? Várias coisas ao mesmo tempo. A palavra pode designar uma prática – “fazer sexo” ou “manter relações sexuais com alguém” – assim como pode indicar um conjunto de atributos fisiológicos, órgãos e capacidades reprodutivas que permitem classificar e definir categorias distintas de pessoas – como “do mesmo sexo”, “do sexo oposto” – segundo características específicas atribuídas a seus corpos, a suas atitudes e a comportamentos, como já abordado neste curso.

Sexualidade é o termo abstrato utilizado para se referir às capacidades associadas ao sexo. Mas o que exatamente “sexo” significa? Várias coisas ao mesmo tempo.

Num sentido mais amplo, convivem na sociedade moderna uma visão positiva do sexo, que remete aos prazeres do corpo e dos sentidos, ao desejo e à sensualidade, e uma visão negativa, repressiva, que promove a disciplina e o controle social sobre a expressão do desejo. Por um lado, difunde-se a idéia de sexo como uma energia que provém de nosso corpo, como um impulso físico fundamental que exige satisfação.¹ Por outro lado, as sociedades têm inventado regras para manter o sexo sob fiscalização, desenvolvendo minuciosos mecanismos de vigilância e controle social, promovendo sentimentos de medo, ao associar diversas vivências da sexualidade à doença e ao perigo.

A família, a escola, a religião, a ciência, a lei e o governo esforçam-se para determinar o que é sexo, o que ele deve ser, ou mesmo para estipular quando, como, onde e com quem se pode fazer sexo. Quase sempre, essas prescrições são transmitidas e justificadas em nome de uma ordem universal e imutável, fundada em Deus ou na Natureza. Dessa maneira, como já analisamos no módulo sobre Gênero, encobre-se o fato de que tais regras, supostamente em concordância com

Pensemos, por exemplo, na especulação pública associada antigamente aos “perigos” da masturbação e como a sexualidade tornou-se foco de políticas públicas em estreita relação com o controle das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), no passado genericamente chamadas de “venéreas”.

¹Dica de música: uma visão da sexualidade como energia natural pode ser observada na canção “O que será (à flor da pele)”, de Chico Buarque. Link: http://www.mpbnet.com.br/musicos/chico.buarque/letras/o_que_sera_pele.htm

a “verdade” profunda do sexo, são construções sociais.

Historiadores e cientistas sociais elaboraram a noção de sexualidade como uma construção de corpos, desejos, comportamentos e identidades que todas as pessoas desenvolvem durante suas vidas por meio da apropriação subjetiva das possibilidades oferecidas pela cultura, pela sociedade e pela história. A visão “construcionista”, abordada no Módulo I deste

A visão “construcionista”, abordada no Módulo I deste curso, assume que é extremamente difícil distinguir nos seres humanos o que se deve à biologia, de um lado, e à cultura, à sociedade e à história, de outro.

curso, assume que é extremamente difícil distinguir nos seres humanos o que se deve à biologia, de um lado, e à cultura, à sociedade e à história, de outro. Assim, por exemplo, do ponto de vista “construcionista”, o desejo homossexual ou a prática de relações homossexuais não implicam, por si só, a aceitação de uma posição social específica ou de uma determinada compreensão de si, nem tampouco a adoção de uma categoria explícita de identificação (como “gay”, “lésbica” ou “bissexual”). Não existe, deste ponto de vista, uma essência do homossexual ou do heterossexual que permaneça imutável através do tempo, mas variadas configurações de desejos, comportamentos sexuais, corpos e identidades em diferentes sociedades e momentos da

história.

Vamos analisar o raciocínio por detrás de uma dessas prescrições básicas. Com quem se pode fazer sexo? Desde crianças somos ensinadas e ensinados que o modo “natural” de fazer sexo é através do relacionamento entre pessoas de “sexos opostos”, e não entre pessoas de “mesmo sexo”. Esta prescrição parte de uma conexão supostamente necessária de:

1. Ser biologicamente macho ou fêmea – ter os órgãos genitais e as capacidades reprodutivas apropriadas a cada sexo.
2. Incorporar uma identidade de gênero masculina ou feminina – ter a convicção interior de ser “homem” ou “mulher”, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para cada sexo, como já estudamos no módulo sobre Gênero.
3. Ter uma predisposição inata para a heterossexualidade como orientação sexual – eleger necessariamente pessoas do “sexo oposto” como objetos de desejo e parceiros de afeto.

Tal raciocínio articula três questões distintas: 1. o sexo biológico; 2. a identidade de gênero; e 3. a orientação sexual. Estas questões são mescladas como se as três fossem, no fundo, manifestações de uma só coisa: a “sexualidade”, a suposta fonte interna e “natural” de nosso senso de identidade pessoal. Esse raciocínio leva a uma naturalização do intercurso genital entre homens e mulheres, que responde pela formação da família, ao reproduzir não só a espécie, mas também a vida social. Daí decorrem concepções igualmente naturalizadas a respeito do comportamento masculino e feminino, daquilo que pode ser considerado família e daquilo que

é tido como legítimo em termos de desejos, sentimentos e relacionamentos. Um exemplo disso é a suposição de que o casamento só pode unir legalmente pessoas de “sexo oposto”, ou a de que o ideal para uma criança é sempre viver numa família composta por um pai e uma mãe, chamando o que foge a este modelo de “famílias desestruturadas”. De acordo com o IBGE, 30% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres.²

É preciso insistir, que estamos falando de coisas distintas:

1. corpos, capacidades reprodutivas, diferenças fisiológicas entre homens e mulheres;
2. modos de ser masculino e feminino, senso de pertencer a um ou a outro gênero;
3. focos de sentimentos, atração, desejo e fantasias, apegos emocionais, vínculos interpessoais, relacionamentos fundamentais.

Não há, de fato, nenhuma razão “natural” para que estas diferentes questões estejam obrigatoriamente associadas. Como você já viu no módulo de Gênero, nascer com pênis ou com vagina, por si só, não faz ninguém ser “masculino” ou “feminino”, tampouco faz alguém ser, necessariamente, heterossexual ou homossexual. Esta suposta unidade de

A noção moderna de sexualidade foi a responsável por articular esse leque de diferentes possibilidades físicas, mentais e sociais, propiciando um trânsito contínuo entre o que seria, por um lado, uma “dimensão interior” dos sujeitos e, por outro, a esfera social, cultural e política mais ampla.

aspectos tão diversos é, na verdade, uma criação da cultura ocidental moderna.

A noção moderna de sexualidade foi a responsável por articular esse leque de diferentes possibilidades físicas, mentais e sociais, propiciando um trânsito contínuo entre o que seria, por um lado, uma “dimensão interior” dos

Uma das reflexões mais influentes sobre a concepção moderna de sexualidade está nos trabalhos do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Ele argumenta que a idéia de sexualidade, tal como a entendemos hoje, é um dispositivo histórico, isto é, seria uma elaboração própria do Ocidente moderno, constituída por meio de um conjunto heterogêneo de saberes, práticas, organizações e instituições. Esse processo histórico, com raízes no passado cristão europeu, atingiu seu ápice no século XIX, transformando o sexo num domínio especializado de conhecimento científico e num alvo estratégico de intervenção social. Dessa forma, o sexo passou a ser entendido como uma energia natural, essencial para a constituição do corpo e da personalidade de cada sujeito. Ao mesmo tempo, conhecer o sexo tornou-se crucial para o controle do comportamento e da saúde da população como um todo. O sexo transformou-se no ponto privilegiado em torno do qual se desenvolveu toda uma complexa tecnologia de administração da vida individual e coletiva (Michel Foucault. História da sexualidade, vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003).³

²Veja reportagem do CLAM sobre o seminário Família Contemporânea, ocorrido na UERJ, onde pesquisadoras do IBGE apresentaram resultados dos Indicadores Sociais e da POF, como o crescimento do número de famílias com a mulher como responsável e de mulheres sem cônjuges mas com filhos: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=ES&inford=36498&sid=21>

³Para saber mais sobre Foucault, consulte o link: http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault

sujeitos (seu senso profundo de identidade pessoal) e, por outro, a esfera social, cultural e política mais ampla – que diz respeito à organização da família e do parentesco, ou mesmo à divisão social do trabalho e ao estabelecimento de códigos morais e legais. Esta construção peculiar está tão presente no senso comum das sociedades modernas a ponto de fundamentar a classificação das pessoas, prescrevendo trajetórias e papéis sociais inescapáveis, sob o risco de serem consideradas “exceções” anormais, degeneradas, imorais ou, como ainda acontece em vários países, criminais.

GLOSSÁRIO

Identidade de Gênero: Diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

Naturalização: Refere-se aqui ao modo como idéias, valores e regras sociais (produzidos por homens e mulheres em contextos históricos) são transmitidos, justificados e adotados como se existissem independentes da ação humana, como se fossem imposições externas (“naturais”) que não podem ser evitadas, combatidas ou modificadas, sob o risco de alterarem essa ordem “natural” que garantiria a estabilidade e a reprodução da sociedade. Uma construção “naturalizada” é percebida como dado inquestionável da realidade, quando de fato as condições de ela ser considerada verdadeira são o resultado de um processo social.

Orientação sexual: Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo “sexo oposto”); a homossexualidade (atração física e emocional pelo “mesmo sexo”); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo “mesmo sexo” quanto pelo “sexo oposto”).

Sexo biológico: Conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas.